



APRAZÍVEL SUBÚRBIO: Veraneio e loteamentos balneários no Bairro Belém Novo em Porto Alegre entre os anos 1920 e 1970

Autores:

Clarissa Maroneze Garcia - UFRGS - clarissamaroneze@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho apresenta dois projetos de loteamentos balneários realizados para o Bairro Belém Novo, em Porto Alegre - RS, implantados na primeira metade do século XX. Os loteamentos "Villa Balneária Nova Belém" (1927) e o "Belém Novo Balnear" (1929/1930) foram projetados e implantados na margem do lago Guaíba e seguiram a lógica e a tendência que se apresentava no país naquele momento: dotar áreas litorâneas de estruturas balneárias. O trabalho demonstra que os empreendimentos e as belezas naturais de Belém Novo eram constantemente alvo de propagandas e matérias de jornais e revistas locais, atestando sua importância para o período áureo do veraneio de Porto Alegre entre as décadas de 1920 e 1970. Nos anos em que a capital passava por um acentuado crescimento urbano, desenvolvia suas indústrias e as estradas para as praias de mar eram extremamente precárias, os loteamentos da zona sul atraíam a população do centro como local de descanso e Belém Novo possui destaque nesse contexto.

APRAZÍVEL SUBÚRBIO:

Veraneio e loteamentos balneários no Bairro Belém Novo em Porto Alegre entre os anos 1920 e 1970

INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, Porto Alegre se firmava como polo industrial no Estado, setor que se estabeleceu na zona norte da cidade. Paralelamente, na zona sul as atividades de lazer e recreação proporcionadas pelo lago Guaíba atraíam os porto-alegrenses nos meses mais quentes do ano. No período, as estradas que levavam ao litoral gaúcho eram extremamente precárias, dessa forma, a porção sul da capital se consolidou como local de veraneio entre os anos 1920 e 1970. Visando atender a população, diversos loteamentos balneários foram implantados nas proximidades do Guaíba, para estadias de final de semana, veraneio ou para moradia. Os projetos eram inspirados nos “bairros-jardins” ou “subúrbios-jardins”, adotando modelos urbanos nacionais e internacionais na busca pela salubridade e contato com a natureza.

A perpetuação da cultura do banho de mar, iniciada na Europa no século XVIII, foi agregada no Brasil somente no começo do século XX. Seja por motivos relacionados à saúde ou pelo lazer, o ato do banho de mar atrelou-se em definitivo ao imaginário e a cultura brasileira (OLIVEIRA, 1999). A atividade recreativa se consagrou em cidades litorâneas, mas também se desenvolveu em rios e lagos. Em Porto Alegre, a utilização do Guaíba como um balneário de águas fluviais estendeu-se em praticamente toda a zona sul em antigos arrabaldes como Tristeza, Vila Assunção, Pedra Redonda, Ipanema, entre outros, e, também, no então 7º Distrito Belém Novo, foco de interesse deste trabalho¹. Em relação aos demais bairros, Belém Novo é foco de poucos estudos, especialmente no que se refere aos seus loteamentos.

Entretanto, foi exatamente quando começaram as práticas recreativas em águas salgadas no país, dotando os espaços à beira-mar de infraestrutura como orlas, loteamentos balneários e hotéis cassinos, o pequeno núcleo urbano de Belém Novo, a sua maneira, teve participação nesse contexto. Era a expansão urbana de uma antiga freguesia (a Freguesia de Belém), criada ainda no século XIX e que tinha seu casario gravitando somente no entorno

¹ Belém Novo tornou-se bairro somente em 1991 e hoje faz parte da Região Extremo-Sul de Porto Alegre.

de sua praça e sua Igreja Matriz. Por meio da implantação de dois loteamentos balneários, o local atendeu os porto-alegrenses que desejavam ter uma casa de veraneio ou morar naquele lugar considerado tão aprazível por suas belezas naturais. Residências foram construídas em estilos arquitetônicos vigentes à época (como o estilo californiano e o neocolonial), um belo restaurante à beira do lago e um “Hotel Cassino”, seguindo o modelo de estrutura balneária que era empregado nas praias de mar do Rio Grande do Sul e de demais estados litorâneos. As atividades recreativas e de lazer atraíram a população para Belém Novo para a participação em atividades típicas da vida moderna: almoços festivos, *garden parties*, torneios esportivos, bailes e banhos no Guaíba. Os jornais e revistas que circulavam pela cidade no período também atestavam o sucesso de Belém Novo como área recreativa (GARCIA, 2017).

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar os loteamentos balneários “Villa Balneária Nova Belém” e o “Belém Novo Balnear empreendidos no local, sustentar a sua relevância enquanto balneário da cidade por meio de matérias de jornais e revistas levantados e entender a perda da sua função de balneário. Para a compreensão do contexto em que se insere o processo de construção desses dois loteamentos, primeiramente será realizada uma averiguação acerca do nascimento da cultura balneária em âmbito internacional até a sua chegada ao país e ao Rio Grande do Sul e as influências do modelo de cidade-jardim para os projetos de loteamentos balneários em Porto Alegre.

1. A CULTURA BALNEÁRIA NA EUROPA E NO BRASIL

O primeiro balneário (do latim *balnearis* – ato de banhar-se) teria surgido na Inglaterra, ainda em 1626, mas difundiu-se na Europa somente no século XVIII. Os efeitos curativos no ato de beber ou banhar-se na água eram creditados pelos médicos naquele período. Entretanto, eram prescritos banhos de mar apenas na forma de imersão e não para atividades de natação ou recreação. Assim, a praia era um local estritamente de busca de cura e não de prazer (URRY, 1996).

Na virada do século XVIII para o XIX se difundiu o chamado “movimento romântico” e com ele se iniciou também uma mudança de valores. Foi percebido que a contemplação da paisagem, do litoral e da natureza provocava emoções e sensações, e que o contato com o mar poderia implicar também em uma atividade prazerosa. Dessa maneira, a partir do século XIX, os balneários se multiplicaram na Inglaterra e passaram a exercer forte atração sobre a classe trabalhadora, que dividia a rotina de trabalho com momentos de lazer nos breves períodos longe das cidades industrializadas, conformadas a partir da Primeira Revolução Industrial (URRY, 1996).

Em meados do século XIX, a cena marítima propiciava o que Corbin (1989, p.269) chamou de “sociabilidade de vilegiatura balnear”, ou seja, temporadas de férias e repouso longe dos grandes centros urbanos aumentando a sociabilidade entre amigos e familiares. Para o autor, o nascimento da praia moderna ocorreu na cidade de Brighton, na Inglaterra, pois, em 1841, o local já recebia em sua estação balneária multidões de banhistas.

Urry (1996) lembra que na Europa a ida até os balneários eram consideradas grandes sagas, pois se levavam dias para chegar até eles. O transporte era geralmente feito por diligências em estradas extremamente precárias e “uma precondição a mais para o crescimento do turismo de massa foi a grande melhoria dos meios de transporte” (URRY, 1996, p.39). Nesse sentido, as ferrovias tiveram um papel importante, pois facilitaram o transporte da classe trabalhadora.

No Brasil, Oliveira (1999) aponta que o banho de mar só se tornou corriqueiro no início do século XX, fato que transformou o valor das orlas marítimas e estimulou o surgimento de grandes empreendimentos imobiliários. As cidades litorâneas começaram a ser vistas com outros olhos, pois as atividades à beira-mar passaram a fazer parte da vida urbana, como no caso mais emblemático das praias do Rio de Janeiro. A instituição das férias de trabalho remuneradas nos anos 1930, parte das Leis Trabalhistas propostas pelo governo do então Presidente Getúlio Vargas, intensificou a procura pelos balneários, contudo, a atividade ainda era restrita a parcela da população que detinha condições financeiras de alugar ou adquirir uma segunda residência.

“A urbanização de lugares para o uso de banho de mar, no período de verão, adotou, no Brasil, o mesmo nome usado para denominar os edifícios destinados aos banhos, balneário, e embora se encontrem alguns “edifícios-balneários”, do século XIX, o termo difundiu-se para designar os lugares à beira-mar ou de rios, com infraestruturas básicas e moradias secundárias, próprias ou para aluguel, onde o banho é a principal atividade, dando origem também a expressão veraneio, a estadia temporária durante o verão em lugares costeiros e privilegiados para o banho de mar”. (OLIVEIRA, 1999, p.57)

Desde o princípio, as urbanizações balneárias brasileiras seguiram um modelo europeu, existente desde o século XIX, composto de um loteamento, de um hotel acompanhado de um cassino e de um restaurante. Exemplos desse tipo de empreendimento são observados ao longo da costa marítima brasileira, como é o caso da praia de Copacabana no Rio de Janeiro e seu glamoroso Hotel Copacabana Palace (inaugurado em 1923), que possuía também um cassino até a década de 1940. Em 1960, a praia de Jurerê, em Santa Catarina, igualmente recebeu um plano de urbanização composto por esses elementos, porém o hotel nunca chegou a ser construído (OLIVEIRA, 1999). No Rio Grande do Sul, a praia de Atlântida recebeu um projeto de loteamento em 1952, projetado pelo Engenheiro e Urbanista Luiz Arthur Ubatuba de Faria, também com a proposta de um Hotel Cassino (OLIVEIRA, 2015).

Nas primeiras décadas do século XX, as praias de mar do Rio Grande do Sul não possuíam acesso fácil. Segundo Silva (1985), em 1910 o trajeto de ida e volta entre Porto Alegre e a praia de Torres² levava até cinco dias. Entre a capital e Conceição do Arroio (atual Osório³), outra cidade de mar, havia apenas uma estrada de 120 km de chão batido. Somente em 1938, com a inauguração da RS-030, ligando o Porto Alegre a Osório e

² Torres está distante cerca de 190 km de Porto Alegre.

³ Osório está distante cerca de 110 km de Porto Alegre.

Tramandaí, o acesso ao litoral norte melhorou, contudo, era uma estrada ainda precária, quase sem asfalto. A partir do final dos anos 1930, as praias de mar gaúchas começaram a receber alguns banhistas e alguns balneários foram construídos para atender a demanda de veranistas.

A virada do século XIX para o século XX em Porto Alegre foi marcada pelo início da urbanização da zona sul, reforçada com a implantação da chamada Ferrovia do Riacho, que conectava essa porção da cidade com o centro. Notadamente, a função recreativa e de lazer viabilizada pelo Guaíba, atraía os porto-alegrenses, sobretudo nos meses mais quentes do ano (HUYER, 2015).

“A falta de higiene da cidade e a infraestrutura urbana que deixava a desejar impulsionavam a busca de férias em outros locais. Mas as praias de mar eram de acesso muito difícil, e um deslocamento para elas demandava vários dias. Restavam praticamente duas opções para veraneio: a vizinha cidade de Canoas, ao norte, com suas chácaras arborizadas, servida por transporte ferroviário e rodovia precária, ou a zona sul, agora servida pela Ferrovia do Riacho. Os porto-alegrenses que tinham condições passavam, alguns, o final de semana, outros, até meses na Tristeza e arredores”. (HUYER, 2015, p.43)

Na década de 1930, loteamentos balneários passaram a ser implantados na zona sul da cidade, como o “Balneário Villa Conceição”, “Balneário Ipanema”, “Balneário Guahyba”, “Balneário Espírito Santo”, “Balneário Juca Baptista”, “Balneário Guarujá”, “Jardim Yacht Club”, “Balneário Vista Alegre” e “Villa Assunção”, que se transformaram e dão nome a alguns bairros da cidade atualmente (HUYER, 2015). Os negócios imobiliários desses loteamentos balneários eram realizados por um grupo de investidores que após a aquisição do terreno, contratavam e elaboravam o projeto de loteamento. Em seguida era realizada a publicidade em revistas e jornais para a venda dos lotes, acompanhada da construção do mesmo. A classe de renda mais alta buscava em áreas distantes do centro da cidade uma melhoria da qualidade de vida por meio do contato com a natureza (HUYER, 2015; OLIVEIRA, 2015).

Os loteamentos implantados na zona sul da cidade possuem clara inspiração dos preceitos de “cidade-jardim”. O conceito de “cidade-jardim” ou “*garden city*” teve origem na Europa, onde o crescimento das cidades industriais no século XIX tornava as condições de higiene e salubridade da população extremamente degradantes. Preocupado com os problemas que afligiam a sociedade, Ebenezer Howard (1850-1928) teorizou, conforme a sua percepção, um modelo ideal de cidade dotado de áreas verdes em seu livro “*Garden Cities of To-morrow*”, edição de 1902. A cidade idealizada deveria ter, sobretudo, baixa densidade de edifícios, população limitada, áreas verdes e zoneamento de funções, em um perfeito “casamento” entre o campo e a cidade (PANZINI, 2013).

A cidade idealizada por Howard concretizou-se (com algumas diferenças) na construção de Letchworth na Inglaterra, a partir de 1903. O projeto foi realizado por Barry Parker e Raymond Unwin que também utilizaram ensinamentos urbanísticos preconizados por Camillo Sitte para a criação de um “ambiente urbano variado e pitoresco” (PANZINI,

2013, p.523). No Brasil, o “Jardim América”, em São Paulo, foi projetado pelos próprios Unwin e Parker, seguindo a dialética do traçado orgânico de vias diagonais e curvas, a utilização dos “*cul-de-sacs*” e quadras de dimensões distintas. As residências eram soltas no terreno, ocupavam até um quinto da área do mesmo e tinham no máximo dois pavimentos (MIRANDA, 2015).

Em 1909, Unwin lançou “*Town Planning in Practice*” que foi considerado um manual de urbanismo, propondo métodos de ampliar a gama de áreas verdes nas cidades. No texto são apresentadas tipologias de ruas, praças e avenidas arborizadas como um verdadeiro manual para aperfeiçoamento de áreas residenciais (PANZINI, 2013).

“A obra “*Town Planning in Practice*” obteve uma favorável acolhida internacional e contribuiu para difundir a ideia de cidade-jardim, mas ao mesmo tempo renunciou a sua readequação. A dimensão utópica do programa howardiano começou de fato a declinar à medida que tomava corpo um sistema de princípios práticos, através de planos de expansão urbana e de regulamentos edilícios para os novos bairros residenciais. Enquanto se enfrentavam dificuldades para iniciar a construção de novas cidades, foi sobretudo por meio dos bairros-jardim periféricos que o modelo “*garden city*” se difundiu, encontrando apreciadores ideologicamente bastante distantes: desde municípios progressistas que rumavam para a criação de moradias populares salubres e até empresários arrojados que se apoderaram da ideia a fim de construir casas atraentes para uma clientela mais exigente. A cidade-jardim transformou-se em periferia-jardim e o termo *Garden City* passou a designar agradáveis bairros suburbanos de baixa densidade para a burguesia ou para as classes populares.” (PANZINI, 2013, p.525-526)

Com influência desses preceitos, estabeleceram-se no arrabalde Belém Novo, localizado cerca de 27 km do centro da cidade, dois loteamentos balneários visando oferecer empreendimentos imobiliários para a população que buscava contato com a natureza e um local para descanso e lazer em um local que, segundo jornais da época era considerado um “aprazível subúrbio” (A FEDERAÇÃO, p.4, 07 mar. 1931).

2. O BALNEÁRIO BELÉM NOVO

As primeiras ocupações do bairro datam da segunda metade do século XIX, após a mudança de local da Freguesia de Belém para a margem do lago Guaíba, em virtude da melhoria de acesso ao centro da cidade. Para a concretização da transferência, foi elaborada em 1876 uma planta urbanística pelos engenheiros da Intendência Municipal, onde foi localizado o porto, a igreja, o cemitério e os primeiros lotes nas laterais de uma praça central, conformando um núcleo urbano inicial (GARCIA, 2017).

Por alguns anos o povoado manteve sua estrutura urbana bastante limitada. Somente após a década de 1920, com o interesse imobiliário no local, houve uma expansão de sua estrutura por meio dos dois loteamentos balneários em questão. A partir da análise

das datas dos projetos empreendidos para toda a zona sul de Porto Alegre, Belém Novo teria sido o primeiro arrabalde a receber um projeto com o conceito de balneário. Conforme a planta acessada, data do ano de 1927 o projeto do “Villa Balneária Nova Belém”. O loteamento foi implantado no direcionamento oeste do núcleo urbano de formação, no Morro da Cuíca, sendo o local banhado pela Praia do Veludo e pelo Balneário Leblon. No direcionamento leste do núcleo urbano foi projetado em 1929/1930 o loteamento “Belém Novo Balnear”, nas proximidades do Balneário Copacabana (Figura 1). As primeiras áreas ocupadas nos dois loteamentos balneários foram as que costeiam o Guaíba (PORTO ALEGRE, 1961).

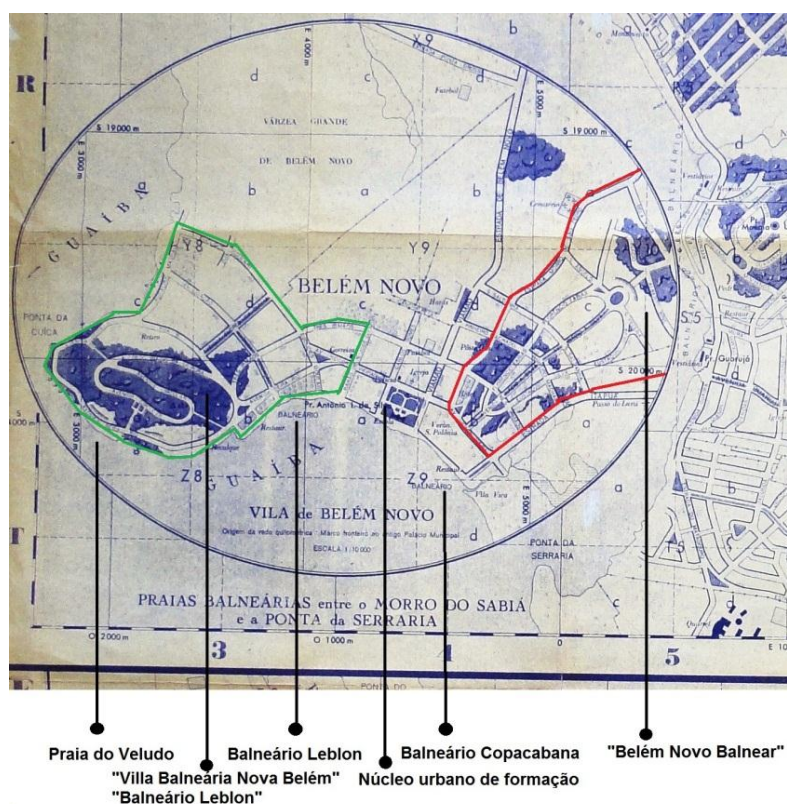


Figura 1 – Detalhe de Belém Novo da Carta Topográfica de Porto Alegre de 1954, com alterações da autora.

Fonte: Acervo da Mapoteca do GEDURB do PROPUR/UFRGS.

Os projetos foram desenvolvidos e implantados por diferentes investidores e foram de extrema importância para o crescimento do núcleo urbano da antiga freguesia, uma das primeiras áreas de povoamento do sul da cidade de Porto Alegre e que, a partir daquele momento, começou a destacar-se também como área de veraneio e balneário.

2.1 A “VILLA BALNEÁRIA NOVA BELÉM” OU “BALNEÁRIO LEBLON”

O projeto de loteamento da “Villa Balneária Nova Belém” (também chamado de “Vila Balnear Nova Belém” ou ainda “Balneário Leblon”), foi projetado e implantado parte no Morro da Cuíca, contornado pelo Guaíba, e parte na área plana atrás do morro, conectando suas ruas com as ruas já existentes no antigo núcleo urbano de formação (Figura 2). Na planta consta a assinatura do Engenheiro Civil Oscar Silva, porém, sobre o autor do projeto não foram encontradas informações ou menções, carecendo de maiores pesquisas.

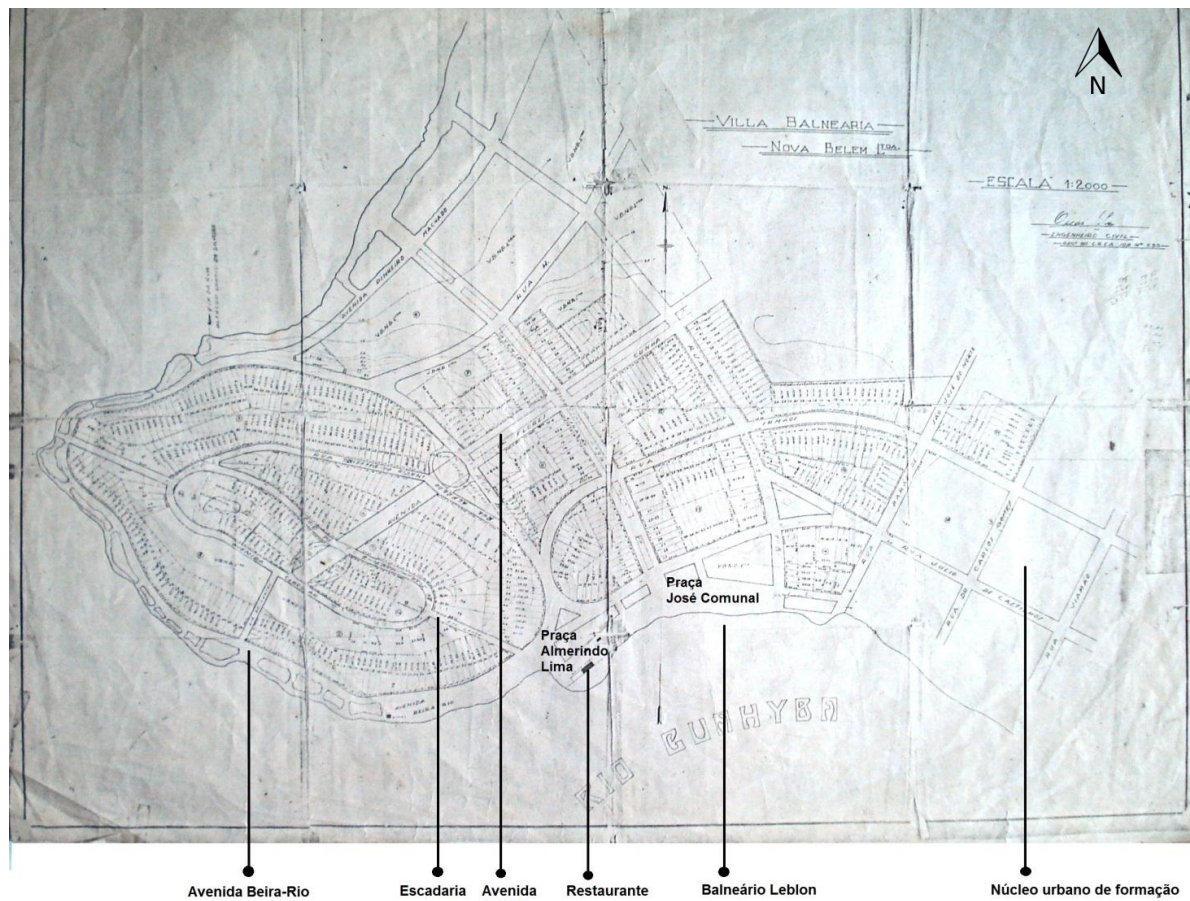


Figura 2 – Planta da Villa Balneária Nova Belém, assinada pelo Eng. Civil Oscar Silva, com alterações da autora.

Fonte: Acervo da Mapoteca do AHPAMV. Escala 1:2000.

Conforme a planta, no morro foram aproveitadas as curvas de níveis para o estabelecimento de uma via que o contorna como uma espiral. Uma ampla avenida retilínea, a Av. Flores da Cunha, foi projetada a partir do topo do morro descendo até uma parte plana atrás do mesmo, porém foi executada somente na parte plana, certamente em virtude da declividade acentuada do morro. Na margem do Guaíba, contornando o morro, foi projetada a Avenida Beira-Rio e na altura da Praia do Leblon, foram propostas praças/áreas verdes, hoje Praça José Comunal e Praça Almerindo Lima. Dentro dessa última foi demarcado um restaurante que foi chamado, mais tarde, de Restaurante Leblon. O acesso para pedestres ao topo do morro foi previsto igualmente por meio de uma escadaria nas proximidades do restaurante.

O loteamento foi aprovado de acordo com o Decreto nº 108 de 10 de setembro de 1927 que dava regulamentação para a abertura de vias de comunicação, aprovado na gestão do Intendente da Prefeitura de Porto Alegre Octavio Rocha. O então 7º Distrito Belém Novo estava inserido no perímetro rural da cidade e, portanto, conforme o decreto, não era necessário asfaltamento de suas novas vias.

Entre o perímetro suburbano e o rural, as vias de comunicação deverão satisfazer às seguintes condições: 1º Leito preparado com cascalho, na largura de 6 metros, conforme instrução da Diretoria Geral de Obras e Viação; 2º Valetas para o escoamento das águas pluviais; 3º Construção das obras d'arte necessárias ao escoamento das águas pluviais e correntes (Porto Alegre, Decreto nº 108, 10 set. 1927).

Foram previstos lotes com dimensões variadas (frente mínima de 10m e profundidade mínima de 50m) e propôs duas praças na margem do Guaíba (hoje Praças Almerindo Lima e José Comunal). Na década de 1960, a rede de água alcançava praticamente todo o loteamento e mais o núcleo urbano original, devido a instalação de um Reservatório de Água Bruta no alto do Morro da Cuíca. O reservatório captava a água do Guaíba e levava até um outro reservatório no Morro do Leblon, porém, a qualidade da água era muito ruim. A rede elétrica não atingia somente a parte elevada do mesmo morro (PORTO ALEGRE, 1961). Todas as vias deste loteamento foram pavimentadas em areião, somente um trecho da Av. Beira-Rio foi asfaltado, até a altura das duas praças.

A importância do empreendimento foi apresentada no jornal A Federação em 7 de março de 1931, em uma extensa matéria intitulada “O embelezamento da cidade: O Balneário Nova Belém”. Na matéria é relatada a forte inspiração do loteamento em empreendimentos que eram realizados na Europa e nos Estados Unidos naquele período: os bairros-jardins.

“A margem do Rio Guahyba, nas bahias de Belém Novo e Ponta Grossa, aprasível subúrbio de Porto Alegre está sendo incitada a construção do “Balneário Nova Belem”. O porto, abrigado pelos rochedos e ilhas das bahias forma uma enseada admiravelmente defendida contra os vagalhões do rio e os detricos que ele conduz. A beira da praia num comprimento de 1200 metros, aproximadamente, eleva-se num pequeno morro que mede 45 metros de altura, de cujo o cimo se descortina um panorama magnífico, além de estar constantemente arejado pelos ventos. A sua superfície, de 45 hectares, é composta por bosques de frondosas figueiras. Ahí, serão construídos os parques públicos e o Hotel Balneário, para a organização do qual já está sendo formada uma empresa. O primitivo traçado da Villa Balnear Nova Belém, representava uma construção modesta. Entretanto foi resolvido ampliá-lo, afim de dotar Porto Alegre de um elegante e majestoso balneário, moldado nos principaes e mais afamados estabelecimentos congêneres dos Estados Unidos e da Europa, com todas as garantias de hygiene pública, e a nossa população terá sem grandes dispendios e com rapidez de transporte, um exellente ponto de veraneio”. (A Federação, 07 mar. 1931, p.4)

A imprensa divulgou o empreendimento de maneira enaltecida, visto que uma parte da estrutura e dos equipamentos que foram anunciados nunca foram construídos, como as prometidas torres de salto, as piscinas de natação, o aquário e o estádio, que iria ser, segundo a matéria jornalística, um dos maiores do mundo. Ao que parece havia uma intenção de transformar Belém Novo em um tipo de polo turístico dentro da capital e até mesmo da região. Ainda segundo a matéria:

“O extraordinário projeto está sendo trabalhado por diversas turmas de homens que estão reunindo os elementos necessários às obras de construção dos caes balneários, porto de pesca, porto para os hiates de recreio e de regatas, piscinas de natação, kiosques, e edifícios públicos como sejam, toilettes, cabines, restaurantes e baar. Bem assim as construcções especiaes para o serviço sanitário. O Hotel Balneário ficará situada à beira-rio, numa avenida que tem 1500 metros de extensão. Uma avenida central com 40 metros de largura, completamente ajardinada cortará o terreno para finalizar ao pé do morro, num artístico belvedere cujo acesso é facilitado por uma escadaria de degraus suavíssimos. Circundado as praias, numa avenida de 50 a 350 metros de largura e cerca de 1 km de extensão, toda ajardinada e semeada de bosques, com uma superfície de 40 hectares de terra, margea o caés dos pescadores, com mercados públicos que foram previstos não só para abastecer a Villa Balnear, como também para baratear a vida no local. Vae ser construído um grande stadium com uma superfície de 12 hectares, o qual será um dos maiores do mundo. Na praia, além de um cinema ao ar livre, será construído um aquarium, torres de saltos, piscinas de natação, etc. Existem lugares escolhidos para escolas, à disposição do Estado e do Município. O primeiro balneário será inaugurado no verão de 1932. As obras estão avaliadas em alguns milhares de contos de réis, e estarão definitivamente concluídas dentro de dois a três anos. Até o fim do corrente anno, estarão já concluídas os caés sanitários, os jardins públicos e as vias de comunicação”. (A Federação, 07 mar. 1931, p.4)

Nos anos 1930, a venda de terrenos que pertenciam a “Sociedade Villa Balneária Nova Belém” foi divulgada em revistas, do mesmo modo que ocorreu com os demais loteamentos da zona sul, destacando o local como excelente para férias de veraneio e passeios (Figuras 3 e 4). Os anúncios enfatizavam também a facilidade de acesso por estrada de rodagem (Figura 5), que era proporcionada pela Estrada Belém Novo (hoje Avenida Juca Batista).



Figura 3 - Publicidade de venda de terrenos no loteamento "Villa Balnear Nova Belém" ou "Balneário Leblon" na década de 1930.

Fonte: Revista do Globo, s/p., Ano IV, n.2, fev. 1932. Acervo do MCSHJC.



Figura 4 – Publicidade de venda de terrenos no loteamento "Vila Balnear Nova Belém" ou "Balneário Leblon" na década de 1930.

Fonte: Boletim da Sociedade de Engenharia, s/p., abr./jun. 1940, no 32/33. Acervo da Faculdade de Engenharia da UFRGS.

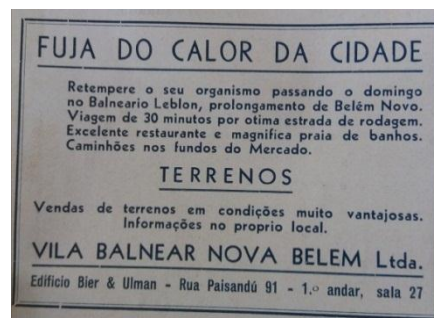


Figura 5 – Publicidade de venda de terrenos no loteamento "Villa Balnear Nova Belém" ou "Balneário Leblon" na década de 1930.

Fonte: Revista do Globo, p.8, 30 de jan. 1937. Acervo do MCSHJC.

Em março de 1936, a Revista do Globo publicou uma matéria de página inteira sobre o empreendimento (Figura 6). Foram destacadas, em imagens e no texto, as residências ou "bungalows" localizadas em meio a uma "vegetação luxuriante" do balneário que era envolvido pelo Guaíba em um "abraço carinhoso" (Revista do Globo, 22 mar. 1936, p. s/nº). Dessa maneira, a ideia de salubridade e contato com a natureza, à maneira dos bairros-jardins difundidos internacionalmente, eram largamente evidenciados nas publicidades.



22-12-1936 REVISTA DO GLOBO N.º 65

BELEM NOVO PITORESCO

BALNEARIO LEBLON

Porto Alegre cresce vertiginosamente. Estende-se para todos os lados, numa expansão admirável de beleza. Um trecho da Av. Ligação, vendo-se as magnificas vivendas dos srs. dr. Armando Barcelos e Breno Nunes Dias.



Um morro segue-se uma planície. Ao lado do palmarite alta encostas de mata ruiuorja a agua. Sol e sombra sobre a região. E andares, seus arredores se enfeitam com as mais poeticas construções, numa expansão admirável de beleza.



Um morro segue-se uma planície enorme. Ao lado do palmarite alta encostas de mata ruiuorja a agua. Sol e sombra sobre a região. E andares, seus arredores se enfeitam com as mais poeticas construções, numa expansão admirável de beleza.

Um morro segue-se uma planície enorme. Ao lado do palmarite alta encostas de mata ruiuorja a agua. Sol e sombra sobre a região. E andares, seus arredores se enfeitam com as mais poeticas construções, numa expansão admirável de beleza.



Um morro segue-se uma planície enorme. Ao lado do palmarite alta encostas de mata ruiuorja a agua. Sol e sombra sobre a região. E andares, seus arredores se enfeitam com as mais poeticas construções, numa expansão admirável de beleza.



Um morro segue-se uma planície enorme. Ao lado do palmarite alta encostas de mata ruiuorja a agua. Sol e sombra sobre a região. E andares, seus arredores se enfeitam com as mais poeticas construções, numa expansão admirável de beleza.

Figura 6 – Publicidade sobre o Balneário Leblon ou Villa Balneária Nova Belém.
Fonte: Revista do Globo, p. s/no, 22 mar. 1936. Acervo do AHPAMV.

Além das propagandas para venda dos terrenos, as praias e o veraneio no Guaíba, a partir do imaginário da sociedade de Porto Alegre, eram representados, principalmente, pela Revista do Globo, que possuía publicação quinzenal a cargo da Livraria do Globo da cidade. Para os editores da revista, as pessoas que frequentavam as praias do Guaíba eram consideradas de elite ou parte privilegiada da sociedade, da mesma maneira que a população que possuía acesso às praias de mar (PRESTES, 2015). Entre as décadas de 1930 e 1960, as praias do Guaíba foram representadas como verdadeiros paraísos dentro da cidade que crescia e desenvolvia-se em termos de comércio, indústria e em estrutura urbana. Nesse sentido, em uma matéria de 1932 (Figura 7) foi destacada a “Villa Balnear Nova Belém” enquanto um “(...) recanto ameno, fresco, salubre – ideal como locação para um “*bungalow*”, sossegado, livre de ruídos, de poeira...de foligem e de outros inconvenientes citadinos.” Ainda segundo a matéria “(...) aquele paraíso de que a Bíblia fala, se era bom e bonito de verdade, devia ser assim, bem assim como a Villa Balnear Nova Belém” (Revista do Globo, 22 de mar. 1932, p. s/nº).



Figura 7 – Publicidade sobre a Villa Balneária Nova Belém.
Fonte: Revista do Globo, Ano IV, 1932, p. s/nº. Acervo AHPAMV.

Junto ao loteamento começaram a surgir os primeiros estabelecimentos de comércio voltados para atender os veranistas. Dentre os bares e restaurantes, o Restaurante Leblon⁴ (Figura 8 e 9), na margem do Guaíba, foi parte importante da vida social e cultural de Belém Novo, funcionando até o final dos anos 1970. O projeto arquitetônico do restaurante é do Engenheiro Armando Boni (1886-1946), um italiano erradicado em Porto Alegre desde 1910 e que desenvolveu importantes projetos⁵ para a cidade, principalmente entre as décadas de 1910 e 1930⁶.

⁴ Também ficou conhecido como “Poletto”, nome de um dos proprietários, Almiro Poletto, que dirigiu o restaurante por cerca de 30 anos (CRUZ; FERNANDEZ; GOMES, 2000).

⁵ Armando Boni também foi responsável por projetos como a Concha Acústica do Auditório Araújo Vianna na Praça da Matriz (demolido), o Cemitério São Miguel e Almas e a sede da Livraria do Globo (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Viva o Centro).

⁶ PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Viva o Centro.



Figura 8 - Restaurante Leblon projetado pelo Eng. Arq. Armando Boni, localizado na praia igualmente chamada Leblon.

Fonte: Revista do Globo, 30 jan. 1937.
Acervo do MCSHJC.



Figura 9 – Interior do Restaurante Leblon.

Fonte: Cassius Marcelus Cruz; Érico Fernandez; Rodrigo Gomes, 2000, p.80.

Em termos de infraestrutura, na década de 1960, a rede de água alcançava praticamente todo o loteamento devido à instalação de um Reservatório de Água Bruta no alto do Morro da Cuíca. O reservatório captava a água do Guaíba e levava até outro reservatório no Morro do Leblon, porém, a qualidade da água era muito ruim. A rede elétrica atingia somente a parte elevada do mesmo morro. Todas as vias deste loteamento foram pavimentadas em areião, somente um trecho da Av. Beira-Rio foi asfaltado, até a altura das duas praças (PORTO ALEGRE, 1961).

2.2 O “BELÉM NOVO BALNEAR”

Não demorou muito para surgir um segundo empreendimento que visava lotear o lado oposto do núcleo urbano de formação de Belém Novo. O “Belém Novo Balnear” tem seu projeto datado de 1929/1930 e é de autoria do Engenheiro Civil Carlos de Baumont (Charles de Baumont), conforme a planta⁷. Não existem muitas informações sobre o autor, mas sabe-se que era de origem belga⁸ e que foi Chefe da Seção de Obras Públicas da

⁷ Baumont também foi responsável pelo desenho do loteamento “Vila Jardim” na Zona Norte da cidade, no qual projetou áreas verdes internas com passagens para pedestres e residências isoladas no terreno dotadas de vegetação abundante. O projeto é amplamente marcado pela centralidade da praça e ruas e avenidas circulares à sua volta (MIRANDA, 2015).

⁸ De acordo com a família de Carlos de Baumont, contatada pela autora. A família não possui informações relevantes sobre a vida profissional do mesmo.

Intendência Municipal⁹, pelo menos no início da década de 1920, segundo consta em jornais da época.

O projeto foi empreendido pela Ângelo Warczawsky e Cia¹⁰. De acordo com pesquisa realizada por Cruz; Fernandez; Gomes (2000), Warczawsky era polonês e comprou as terras (cerca de 30 hectares) da fazenda pertencente naquele momento a Odalírio Machado, por ter se encantado com o local nas proximidades do Guaíba.

O “Belém Novo Balnear” (Figura 10) foi implantado nas terras que pertenceram, nos primórdios da ocupação do bairro, a Ignácio Antônio da Silva¹¹, nome dado à avenida central do projeto. O traçado tem inspiração nas cidades-jardins, sendo propostos espaços verdes (praças), uma avenida e uma praça central e ruas curvilíneas. Como era comum em projetos de loteamentos balneários de áreas litorâneas, foi projetado e construído também um Hotel Cassino. Ao redor da planta urbanística projetada por Baumont, são apresentados modelos de fachadas de casas, representações comuns em plantas daquela época.

⁹ Conforme apontam duas reportagens sobre obras no estado do jornal A Federação: de 10 jun. 1921. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/46364>>. Também em A Federação, 02 ago. 1921. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/46716>>.

¹⁰ A autora entrou em contato com familiares do empreendedor, porém não houve não retorno para o fornecimento de plantas e documentos adicionais que estão em sua posse e/ou informações à respeito do projeto do balneário e do Hotel Cassino.

¹¹ Ignácio Antônio da Silva é uma figura importante para a história do Bairro Belém Novo. As terras para a construção do núcleo urbano da nova Freguesia de Belém foram doadas por ele. Ignácio residia nas terras onde hoje se encontra o loteamento Belém Novo Balnear e sua residência se encontrava, mais precisamente, em um morro, onde foi implantado o Hotel-Cassino. Ver Garcia (2017).

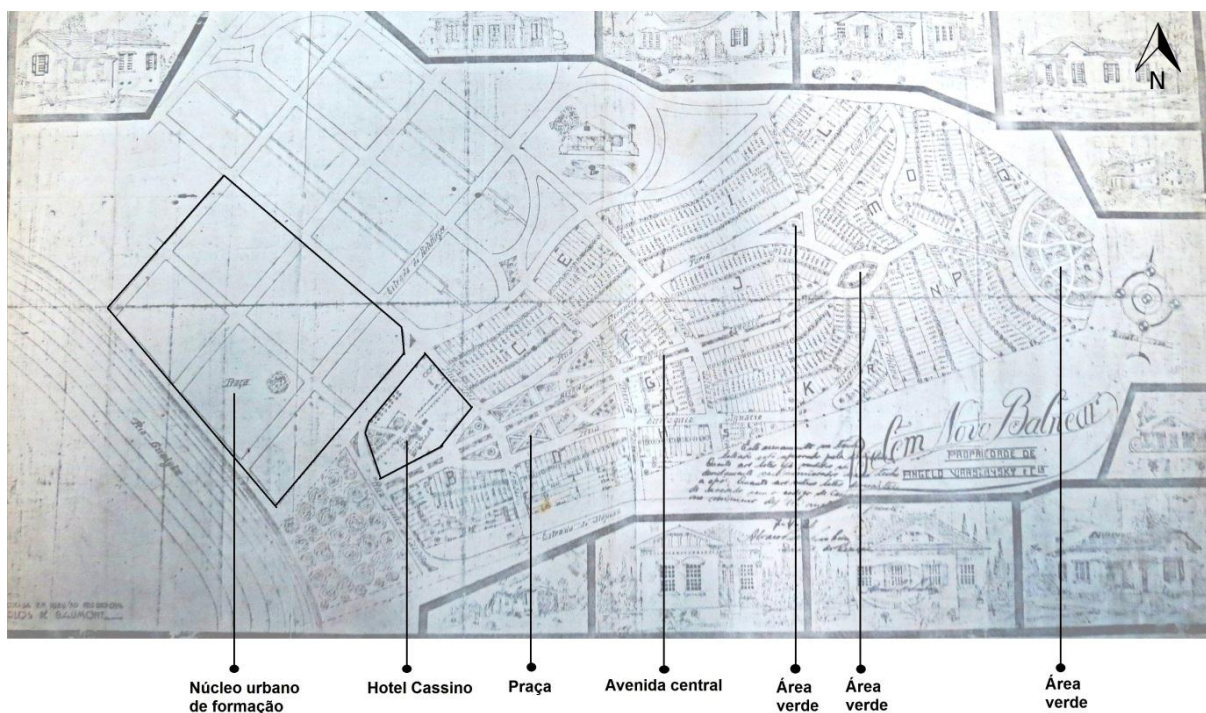


Figura 10 – “Belém Novo Balnear”, projetado por Carlos de Baumont em 1929/1930. Sem escala.

Fonte: Acervo da Mapoteca do AHPAMV.

No ano de 1937 o Hotel Cassino (Figura 11) já se encontrava em obras, e a imprensa o descreveu da seguinte forma: “[...] uma construção moderna e conta com 38 amplos quartos com ar direto, cosinhas espaçosas, vasto salão de refeições e um “hall” elegante, esplendidamente localizado. As instalações sanitárias do prédio são ótimas e o prédio será dotado de luz eléctrica própria e água encanada” (Diário de Notícias, 3 jan. 1937, p.3).

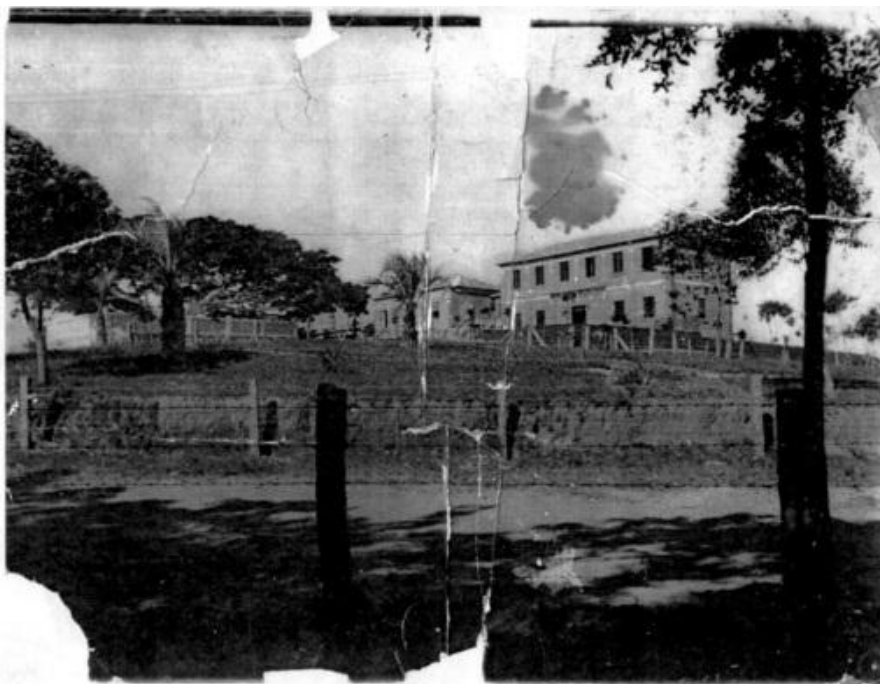


Figura 11 – Hotel Cassino de Belém Novo.

Fonte: Disponibilizada por Jairo Vieira. Autor desconhecido, sem data.

Os loteamentos balneários e o Hotel Cassino representaram para os moradores de Belém Novo uma perspectiva de progresso, de inserção do distrito à vida metropolitana que se constituiu a partir de 1945, que tinha como centro uma capital que se modernizava e crescia em estrutura urbana. Ao mesmo tempo, o crescimento da urbanização no centro da cidade provocava na população a necessidade de buscar um refúgio de descanso, lazer e tranquilidade em um local de fácil acesso. Nesse período, atendendo a essa demanda, Belém Novo já estava consolidado como local de veraneio com seus dois loteamentos balneários, o Hotel Cassino, restaurantes, bares e suas três praias de água doce, a Praia do Veludo, o Balneário Leblon e o Balneário Copacabana, apesar da infraestrutura do balneário como um todo ser limitada e precária.

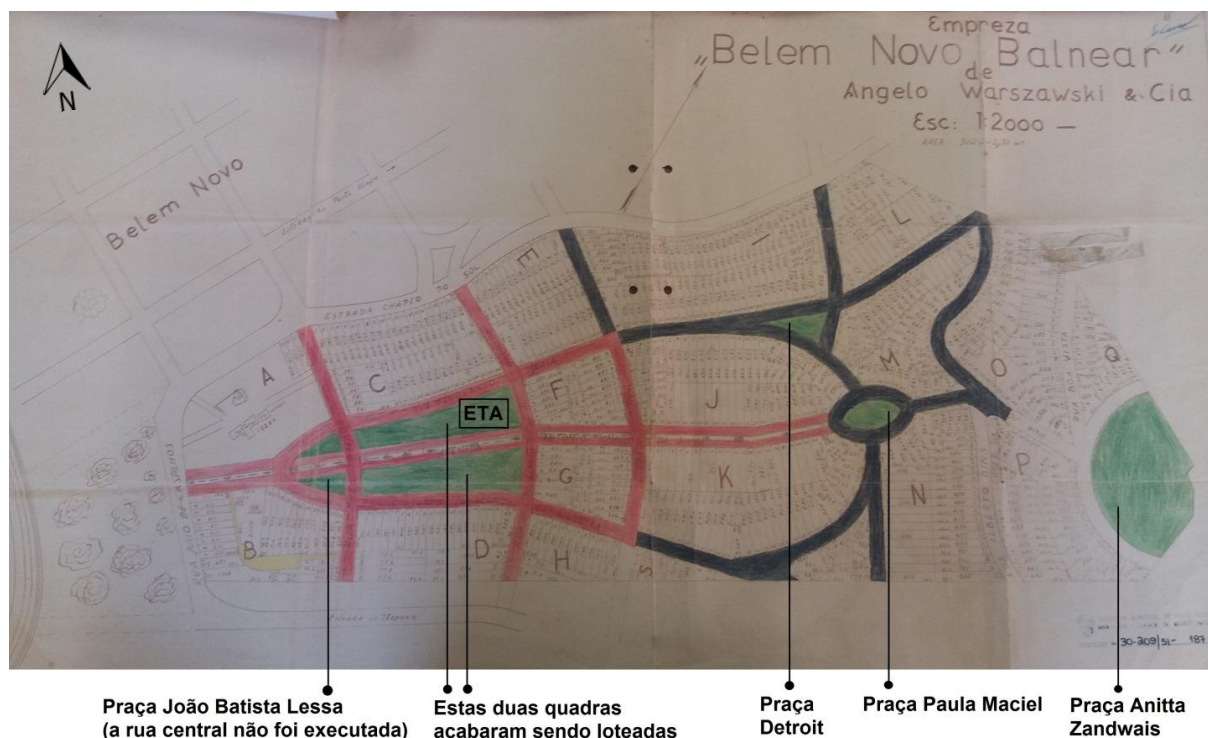


Figura 12 – Planta do loteamento “Belém Novo Balnear” aprovada pela Prefeitura Municipal. Demarcação das vias e das áreas verdes. Não há legenda das cores utilizadas no projeto. Sem escala.

Fonte: Acervo da Mapoteca do AHPAMV, com alterações da autora.

A função de balneário fez com que a vida social e cultural de Belém Novo se ampliasse para além dos eventos religiosos que aconteciam quando ainda tratava-se apenas de uma freguesia. As festas em homenagem a Nossa Senhora de Navegantes, realizada pelos pescadores locais que levavam a imagem da santa pelo lago, uniram-se as festas religiosas em homenagem a padroeira do bairro, Nossa Senhora de Belém. Além disso, o local contava com almoços e jantares festivos, bailes, “*garden parties*”¹² (Figura 13), carnavais, jogos e campeonatos de futebol¹³, colônias de férias, peças teatrais, com o Restaurante Leblon e o Restaurante Copacabana e até mesmo com dois cinemas, o Cine Arte e Cine Belgrano. A intensa vida social de Belém Novo atraía a população das redondezas e do centro para hospedar-se nas casas de veraneio, no Hotel Cassino ou mesmo para acampar nas proximidades das praias (CRUZ; FERNANDEZ; GOMES, 2000).

¹² A “*garden party*” era um tipo de festa que surgiu nos anos 1930. No Rio de Janeiro, era realizada geralmente à tarde nos jardins de grandes mansões da zona sul e nas casas de campo de Petrópolis (CHATAIGNIER, 2010).

¹³ Havia no bairro o Clube Grêmio Esportivo Belém Novo.



Figura 13 - Matéria sobre uma “*garden party*” que ocorreu em comemoração ao início das obras do Hotel Cassino em Belém Novo.

Fonte: A vida encantadora das praias fluviaes: no “*Garden Party*” em Belém Novo. Diário de Notícias, 3 jan. 1937, p.3. Acervo do MCSHJC.

O loteamento “Belém Novo Balnear” foi pavimentado em areião. Foram propostas algumas áreas verdes, porém algumas delas acabaram por ser loteadas com o passar dos anos. No início da década de 1960 a rede elétrica atingia praticamente todo o loteamento, diferente da rede de água e esgoto que praticamente inexistia nele. No mesmo período encontrava-se em obras uma Estação de Tratamento de Água (ETA) e um outro reservatório dentro do loteamento para solucionar o problema de abastecimento (PORTO ALEGRE, 1961).

3. A DECADÊNCIA E O ABANDONO DAS PRAIAS DE BELÉM NOVO

A partir da década de 1960, verificou-se um abandono das praias de Belém Novo, que foi perdendo gradativamente sua função de balneário. A média de passageiros no transporte público pela Linha Belém Novo ou pela Linha Lami (que ligava o núcleo urbano ao centro da cidade) ainda que atingisse um aumento considerável nos meses de janeiro, fevereiro e março, já não transportava tantos passageiros como em anos anteriores. Havia um descaso com as áreas verdes, a diminuição de serviços e não havia qualquer tratamento das orlas das

praias. Nesse momento, o Hotel Cassino¹⁴ já havia encerrado suas atividades e por algum tempo houve a intenção de transformá-lo em um hospital particular (PORTO ALEGRE, 1961).

No ano de 1967 foi publicada no jornal Diário de Notícias uma matéria intitulada “Belém Nôvo: um balneário em agonia” que denunciava todo o descaso com o local. Segundo a reportagem, por falta de fiscalização, a areia da Praia do Leblon era frequentemente retirada por caminhões e a margem da Praia do Veludo estava sendo ocupada pela população como local de moradia clandestina, fato que se tornou um grave problema para o bairro nos anos posteriores. Os trapiches construídos nas praias e os mobiliários, como mesas e bancos, que atendiam os veranistas se deterioraram por falta de manutenção por parte da Prefeitura. Também não havia qualquer cuidado com a limpeza das praias fluviais que foram sendo tomadas por juncos (Diário de Notícias, 26 mar. 196, p.8).

A estrutura urbana precária não acompanhou o crescimento do núcleo, contribuindo igualmente para o esvaziamento da população turística do balneário. Em 1960, só havia asfalto na rua em frente em igreja e na rua de acesso ao núcleo, Rua Cecílio Monza. A precariedade das vias foi apontada na reportagem como um problema a ser resolvido:

“Belém Novo tem pouquíssimas ruas e calçadas. Não há nenhuma consideração para os moradores que embelezam o bairro, com suas residências modernas e bonitas. As próprias ruas foram construídas por firmas particulares, através de loteamentos. Assim, no verão enfrenta-se o tormento do pó, e no inverno o sacrifício da lama”. (Diário de Notícias, 26 mar. 1967, p.8,¹⁵)

A rede de água ainda não abrangia todo o bairro, inclusive não havia chegado, em 1960, ao loteamento Belém Novo Balnear, e o esgoto era um problema extremo, ainda conforme a matéria.

“Existe um outro problema, ainda muito mais grave. É que a prefeitura inventou que as águas servidas tinham de desaguar justamente na praia. Ora, vejam só: uma praia de intenso movimento onde desemboca o esgoto! O resultado é óbvio, o rio fica numa total falta de condições de higiene, espantando os banhistas”. (Diário de Notícias, 26 mar.1967, p.8)

A poluição generalizada do Guaíba foi verificada a partir da década de 1970, conforme apontou a “Comissão Parlamentar para o estudo da poluição e defesa do meio ambiente”¹⁶, formada em 1972. As causas estavam associadas à industrialização nas margens do lago e dos seus afluentes, a falta de saneamento na cidade de Porto Alegre e em toda a região, a agricultura e os despejos urbanos. As conclusões da Comissão apontaram que os esgotos domésticos e industriais eram uma ameaça ao abastecimento de água em

¹⁴ O prédio encontra-se em completo abandono ainda hoje.

¹⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093726_04/44901>.

¹⁶ RIO GRANDE DO SUL. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Poluição e desenvolvimento. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1972.

um futuro próximo e que “um banho no Guaíba pode abrir caminho para dezenas de doenças, provocadas pela ingestão da água ou pelo simples contato” (RIO GRANDE DO SUL, 1972, p.560).

Somado aos problemas de poluição do Guaíba, no final da década de 1960 as estradas para as praias do litoral atlântico gaúcho obtiveram uma melhoria substancial, atraindo ainda mais a população turística. Isso ocorreu em razão do asfaltamento da RS-040 (antiga RS-1), que liga Porto Alegre as praias de Balneário Pinhal e Cidreira, e a construção da BR-290 (*Freeway*), inaugurada em 1973, estrada que, por seu porte e estrutura, passou a dominar o acesso às praias de mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O veraneio nas praias da zona sul de Porto Alegre, entre elas as praias de Belém Novo, ainda hoje permeia a memória dos moradores e frequentadores que puderam vivenciar aquele período. Em um momento em que a cidade passava por um crescimento industrial, a tranquilidade, o contato com a natureza, a facilidade de acesso e a balneabilidade do lago Guaíba proporcionaram o local ideal para o descanso da população trabalhadora e suas famílias, principalmente na primeira metade do século XX.

Os projetos de loteamentos empreendidos em bairros da zona sul, como Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda e Ipanema, são mais comumente estudados em virtude da maior quantidade de informações e documentações. Hoje são bairros de média e alta classe que cresceram e melhoraram em termos de estrutura urbana, mas que mantiveram uma baixa densidade populacional e que buscam, na medida do possível, preservar os aspectos da paisagem urbana construída no período em que o veraneio era praticado nesses locais. Devido a isso, esses e outros bairros estão incluídos na região de planejamento chamada “Cidade-Jardim”, conforme o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Porto Alegre, nomenclatura dada seguindo as referências e ideários urbanísticos que circulavam no período e que influenciaram os projetos de loteamentos propostos para a região nos anos 1930 e 1940.

O Bairro Belém Novo não faz parte da região “Cidade-Jardim”, apesar de os seus projetos de loteamentos terem sido implantados com influências semelhantes. O local foi um dos mais procurados para veraneio, conforme atestaram as matérias de jornais e revistas, e constatou-se, inclusive, que o bairro em questão foi o primeiro a receber um projeto de loteamento balneário, inaugurando esta prática urbanizadora na região sul da capital.

O direcionamento da população para as praias de mar, a poluição do Guaíba verificada a partir da década de 1970 e o descaso do poder público com as praias e com a infraestrutura de modo geral foram cruciais para o fim de sua função balneária. Todavia, suas águas estão próprias para banho novamente e o balneário tem sido, aos poucos, procurado pela população e existem projetos de recuperação de sua orla. Atualmente, o bairro está inserido na chamada “Cidade Rur-urbana”, ou seja, área da cidade onde há

predominância de patrimônio natural ambiental e de atividades ligadas ao lazer, turismo e ainda do setor primário.

Os projetos da “Villa Balneária Nova Belém” e o “Belém Novo Balnear” ainda carecem de informações e uma maior pesquisa em relação aos seus idealizadores/empreendedores e seus autores/engenheiros. Dessa maneira, espera-se prosseguir na pesquisa, buscando contribuir com os estudos da urbanização de Porto Alegre e no reconhecimento dos urbanistas que desenvolveram projetos no período em questão. A partir do presente estudo, porém, foi possível demonstrar a relevância de Belém Novo, em meio a outros bairros mais reconhecidos do contexto da urbanização da zona sul da capital, demonstrando que o bairro foi foco também de ideários urbanos do início do século XX, por meio de seus dois loteamentos balneários.

REFERÊNCIAS

- A VIDA encantadora das praias fluviais. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 03 de jan. 1937, p.9.
- BELÉM Nôvo: Um balneário em agonia. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 26 de mar. 1967, 4º Caderno, p.8.
- BELÉM Novo Pitoresco – Balneário Leblon. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n.65, 22 de mar. 1936, p. s/nº.
- CHATAIGNIER, Gilda. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CRUZ, Cassius Marcellus.; FERNANDEZ, Érico Pinheiro; GOMES, Rodrigo de Aguiar. *Memória dos Bairros: Belém Novo*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.
- GARCIA, Clarissa Maroneze. *Ver o presente, revelar o passado e pensar o futuro: A evolução urbana do Bairro Belém Novo em Porto Alegre – RS*. 2017. 205f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- HUYER, André. *A Ferrovia do Riacho: Do sanitário à modernização de Porto Alegre*. Porto Alegre: Evangraf Ltda., 2015.
- MIRANDA, Adriana Eckert. *Morar em “Locaes Futurosos” ou em “Balneários Aristocráticos”: os loteamentos tipo bairro-jardim de Porto Alegre*. In: XVI ENANPUR, 2015, Belo Horizonte. XVI ENANPUR Espaço, Planejamento e Insurgências. 2015.

O EMBELEZAMENTO da cidade: O Balneário Nova Belém. A Federação. p.4, 07 mar. 1931
Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/68643>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

OLIVEIRA, Ana Luíza V. *As duas Atlântidas 1939-1952: O veraneio moderno e a constituição dos balneários do litoral gaúcho*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, Lisete Assen de. *Formas de vir-a-ser cidade: loteamentos e condomínios na ilha de Santa Catarina*. 1999. 253f. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais e Urbanas). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1999.

OS MAIS bellos recantos de Porto Alegre. Revista do Globo, Ano IV, p. s/no, 1932.

PANZINI, Franco. *Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria de Obras e Viação. *Belém Novo*. Porto Alegre: PMPA, 1961.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Viva o Centro. Disponível em: <proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=114>. Acesso em: 24 de maio 2017.

PRESTES, Antônio João Dias. *Usos e representações das praias do Guaíba, em Porto Alegre, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1970*. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 2015.

RIO GRANDE DO SUL. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. *Poluição e desenvolvimento*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1972.

SILVA, Marina Raymundo da. *Navegação lacustre Osório-Torres*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1985.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/ SESC, 1996.